

ERREI!

* José Pio Martins

“Quando errar, não invente desculpas, admita o erro, faça as correções e siga adiante”. Há tempo, anotei essa frase em minha agenda e tento agir assim. Não é fácil; mas, tento. Trata-se de uma atitude honesta que, além de desarmar os críticos, faz a frustração passar mais rápido. No meu artigo publicado neste jornal, na quinta-feira dia 18/06, sob o título “Escárnio!”, o último parágrafo ficou sem conexão com os parágrafos anteriores. Eu me referia ao debate nos anos setenta sobre as razões que fazem do Brasil um país tão pobre. Lembrei que, em relação à resposta, havia dois grupos. Um que culpava inimigos externos (FMI, dívida externa, multinacionais, imperialismo norte-americano). Outro culpava o sistema capitalista, os empresários e o lucro. Ambos defendiam suas teses com alta dose de convicção e emoção.

Citei o texto de Roberto Campos, para quem nós mesmos havíamos fabricado, com tecnologia genuinamente nacional, as causas das nossas desgraças. O texto dizia que o Brasil criara, para si, pelo menos seis grandes males: a) baixíssimo nível educacional; b) sistema político fisiológico, corrupto e arcaico; c) leis anticapitalistas e antiempresariais; d) setor público grande e ineficiente, apropriado por grupos exploradores do dinheiro público; e) descaso com a pesquisa, a ciência e a tecnologia; f) cultura contra tudo o que fosse estrangeiro.

Recentemente, ouvi um líder sindical dizer que o atraso brasileiro se deve ao capitalismo, à globalização e ao empresariado local, sendo este último, segundo ele, ineficiente e explorador. Exageros à parte, o sistema empresarial brasileiro tem sim uma parte atrasada e com péssima relação capital/trabalho. Mas há outra parte moderna e eficiente, que respeita o capital humano e trata bem seus empregados. O mesmo já não se pode dizer do sistema político, no qual são escassos os exemplos de ética, de eficiência e de modernidade.

Citei o mau uso do dinheiro público, com seus desperdícios, sua corrupção e máquina estatal inchada, como sendo uma das causas relevantes da nossa pobreza. Assinalei o fato de que, quando parecia haver se esgotado o arsenal destinado a assaltar o dinheiro do povo, depois de tantas denúncias envolvendo o parlamento, vem mais uma bomba do Senado Federal, com seus 600 atos secretos.

O parágrafo final, que não estava no texto enviado à Gazeta do Povo porque enviei o arquivo errado, referia-se ao texto de Roberto Campos, escrito há uns 30 anos. Olhando em retrospectiva, tanto tempo depois, dá para ver o quanto o eminente economista tinha razão e o quanto ele estava à frente da maioria dos analistas, já que a lista de causas que ele enumerava era uma explicação muito mais lógica e muito melhor. Um médico que foi trabalhar em certa região da África disse que, lá, o tratamento das doenças enfrentava um problema cultural complexo. Informado de que estava com alguma enfermidade, a primeira pergunta que o paciente fazia era “o que me fizeram para que eu ficasse assim?”, e saía em busca de simpatias e despachos para combater mau-olhado, olho-gordo e pragas que outros deviam ter-lhe atirado.

Esse médico disse que um dos seus trabalhos consistia em convencer o paciente de que o problema dele nada tinha a ver com pragas dos outros, mas decorria dos seus maus hábitos alimentares, dos vícios e da suas atitudes diante da vida. Assim, ele recomendava que o paciente pensasse em outra pergunta: “O que eu fiz para que meu corpo ficasse assim?”. Muitos economistas e políticos, de esquerda ou de qualquer lado, passaram anos agindo como os pacientes africanos, tentando fabricar inimigos externos, responsáveis por nosso atraso e nossa pobreza.

Shakespeare, em Hamlet, dizia: “Está em nós mesmos meu caro Brutus, e não em nossas estrelas, a causa das nossas desgraças”. Resumo da história: não há inimigo externo algum. Nossos problemas são obra nossa.

* Economista e Vice-Reitor da Universidade Positivo